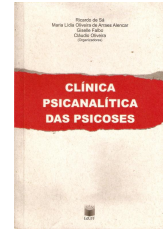


## FIGURAS DO OUTRO Na instituição, na psicose, na psicanálise<sup>1</sup>

[Clique aqui para ampliar](#)



Referência:

VIEIRA, M. A. . Figuras do Outro na instituição, na psicose, na psicanálise. In: Ricardo de Sá; M. Lúcia O. de Arraes Alencar; Giselle Falbo; Cláudio Oliveira. (Org.). Clínica psicanalítica das psicoses. 1a ed. Niterói: EdUFF (Universidade Federal Fluminense), 2005, v. , p. 103-111.

### Do Outro

Uma dificuldade particular preside a articulação dos três termos em questão neste texto. A loucura tende a se mostrar refratária à ordem instituída, o que não é menos presente na psicanálise. Buscando, então, uma chave para o trajeto aqui proposto - psicose, instituição e psicanálise, decidi apoiar-me em um quarto termo, o Outro. Das inúmeras delimitações do outro, com maiúscula, o grande Outro, como costumamos dizer, empreendidas por Jacques Lacan, proponho a seguinte modulação: 'aquele com quem se joga nossa partida crucial'. Ele é um parceiro, mas de uma partida essencial, decisiva. Caso mantenhamos a analogia com o jogo de cartas ele será tanto o parceiro que aposta comigo, ou contra mim, quanto a banca. Caso vocês conheçam o bridge, ele será, segundo Lacan, o morto (que não é nada defunto neste jogo). Situa-se, assim, essa alteridade em um horizonte paradoxal, como presença fundadora, radicalmente estranha e, ao mesmo tempo, íntima (LACAN, J.1969 e MILLER, J. A. 2000).<sup>2</sup>

O Outro desta fala será o de uma comunidade de recém-chegados ao campo psicanalítico, como suponho que a maioria aqui seja. A pergunta será então quem é o Outro de cada um destes três: da instituição, do psicótico e do analista.

### Da Instituição

Quanto à Instituição, a definição, instrumental, apenas para os fins limitados de nosso percurso, que proponho é 'aquilo que se mantém de pé', apoiando-me, para tanto, em na etimologia do termo - do latim *in statuere*, que remete à estátua (LAURENT, E. 2003). Presidindo a toda edificação concreta - com endereço e CNPJ - ela é um sistema de regras de convivência, hierarquizado e piramidal. Neste sentido ela é também um discurso, um modo de estabelecer laço entre falantes que define uma forma de vida e que podemos aproximar do que Lacan delimitou como o discurso do mestre.

Qual o Outro da instituição? Trata-se exatamente daquilo que escapa às regras, daquilo que é contingência, imprevisto, falha que perturba a ordem estabelecida. É bem verdade que esta é uma definição rígida, circunscrita.

Instituições existem as mais variadas e nem tudo o que chamamos comumente de “instituição” encaixa-se em nossa definição, especialmente as psicanalíticas. Exatamente por isso esta definição nos serve, pois em sua contraposição evidente a outros discursos evidencia o quanto a psicanálise tem uma aversão estrutural à instituição.

Compreende-se esta aversão se lembrarmos que a psicanálise nasce exatamente em um momento de falência da autoridade. É o que Lacan sintetiza admiravelmente da seguinte forma:

O sublime acaso da genialidade talvez não explique, por si só, que tenha sido em Viena — centro, na época, de um Estado que era o *melting-pot* das mais diversas formas familiares, desde as mais arcaicas até as mais evoluídas, desde os derradeiros grupos agnatos de camponeses eslavos até as mais reduzidas formas do lar pequeno-burguês e as mais decadentes formas do casal instável, passando pelos patriarcalismos feudais e mercantis — que um filho do patriarcado judaico imaginou o complexo de Édipo. Como quer que seja, foram as formas de neuroses predominantes no fim do século passado que revelaram que elas eram intimamente dependentes das condições da família (...) e da decadência da imago paterna.” (Lacan, J. 2003, p. 67).

Exatamente por esta razão a psicanálise trabalha com a falha na ordem regida pelo mestre partindo do pressuposto que esta não é um acidente, mas um dado necessário. Por essa razão inaugura-se com as históricas. A histórica é este imprevisto encarnado, apresentando-se como aparentemente externo (e não constitutivo), mas sobretudo como barulhento, falante.

Descobre-se, assim, com Freud, que a histórica não é um risco para a instituição. Ela encarna a exceção que institui a regra. Observem a inversão: com a psicanálise não se trata de “toda regra tem exceção”, mas de “a exceção funda a regra”, ou seja, enquanto houver exceção uma regra se justifica e se mantém em atividade. A histeria não é uma real ameaça à instituição, a psicose sim.

## **Da Psicose**

Quem é o outro do psicótico? Com quem joga sua partida?

Dizendo-o dogmaticamente: com um Outro que Lacan chamou de “nãotodo”, não exatamente alguém, não exatamente um corpo, mas sim o Outro de um gozo não localizado, que está em todo lugar como presença maciça, invasiva e ao mesmo tempo fluida, inapreensível como os raios de Schreber. É preciso ter cuidado para não entender este *nãotodo* como sinônimo de “limitado”. Ele é grafado desta forma por Lacan justamente para que a negação que exhibe não seja entendida como marca de impotência, castração. É um Outro que, justamente por ser ilimitado, não

tem corpo, tende ao absoluto. Um Outro que não se institui é o que vemos na esquizofrenia que pode, *in extremis*, ir até a catatonia (que assinala a presença absolutamente sem corpo do Outro não todo, terceiro impossível). O trabalho de dar corpo a este Outro é o que constitui o delírio paranóico, que busca organizar o caos. Quando o paranóico consegue fixar os contornos deste Outro torna-o parceiro, que tende no entanto, por ter seus limites artificialmente fixados, a apresentar-se como parceiro invasivo, que gera respostas eventualmente violentas do sujeito. Como vemos, na psicose trata-se ou bem de um Outro meio inexistente ou bem de um Outro por demais existente. Nos dois casos, praticamente inviabiliza-se a vida em instituição.

Para além da histeria, contudo, a loucura demonstra que a falha não só não é externa, como não é apenas erro, vazio, mas sim feita de um excesso caótico, gozo. O que se esconde na falha do Pai, apontada pela histérica é seu gozo por ela apenas pressentido. Todo mestre é falho e todo mestre é um pouco louco. A loucura é, assim, o “limite interno” do campo da razão instituída. Como dirá Lacan: “Longe da loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência” (LACAN, 1998, p. 177).

Esta loucura é constitutiva, mas não à maneira da exceção (que estabiliza e alimenta seu Outro) e sim daquilo que Giorgio Agamben, a partir de Foucault, chama de “vida nua”, um gozo fora do enquadramento cultural do sentido e por isso mesmo absolutamente ameaçador (AGAMBEN, 1998, pp. 106 e 135). Por isso, aprendemos também com Foucault em sua *História da loucura*, a loucura de divina passa a enquadrada, enclausurada, transformada em doença, guardada na senzala, longe do mestre.

É preciso cuidado, porém, pois apesar da loucura como doença ter se originado em um período relativamente recente de nossa história, isso não a reduz a um fato cultural. Ela participa de um real constitutivo da cultura e não é unicamente um produto social, que poderia se dissolver com os devidos remanejamentos do Outro e a restauração da cidadania. Lacan entra nesta discussão nos anos 50 (em seu famoso seminário sobre as psicoses e em sua “Questão preliminar”) justamente salvando o real da psicose por preservá-la como presença desta deste limite inassimilável no seio do Outro, como diferença estrutural.

A teoria da psicose para Lacan é isso. Aos neuróticos-padrão (se é que existem como tais) uma solução-padrão: aceitar as representações básicas que o Outro lhe oferece e - jogando com elas - garantir um pé na realidade compartilhada. Aos psicóticos a recusa da crença no Outro (que Freud chamou de *Un glauben* e que

Lacan em um certo momento chamou de Foraclusão) e sua dura partida com o Outro que esta recusa engendra - não instituído, deslocalizado.

### **Do Analista**

E o analista? O analista não é o mestre, a quem uma histérica basta (desde que fique na periferia e não fale demais). O caminho de uma análise passa por esvaziar a consistência desse Outro instituído, do Outro-mestre. Fica-se com um fiapo. O Outro se reduz a um resto (chamado por Lacan “objeto a”) com o qual o neurótico vai ter que se haver dali por diante.

Todo o problema passa a ser, uma vez concluído o processo de esvaziamento do Outro instituído, como fazer grupo. Os grupos de psicanalistas são instituições que tendem a ser inconsistentes (cf. a história das sociedades e associações de psicanalistas, seus brigas, rachas, etc). Afinal, como erigir alguma coisa a partir de uma coleção de restos?

Como vemos a questão do coletivo de analistas é uma questão análoga a do psicótico, pois o sintoma do psicótico, seu delírio por exemplo, é uma tentativa de confecção de um Outro, artesanal a partir de restos. À pergunta “quem é o Outro do analista?” proponho, então: o psicótico.

Não foi à toa que Lacan, no último período de seu ensino, chamou o “fiapo” psicótico de *sinthoma*, retomado por Jacques-Alain Miller a partir da noção de foraclusão generalizada (MILLER, J. 2003). É que o psicótico busca, às vezes consegue, com os fragmentos de Outro de que dispõe, compor uma conexão que lhe dê um lugar no Outro social.

O sintoma, para histérica é uma questão, endereçada ao Outro instituído. Para o psicótico é invenção, resposta. Lidando-se com um Outro sem corpo, há a necessidade de se inventar uma solução, mais ou menos bem sucedida; de constituir, a partir do material disponível, uma conexão com o corpo social (às vezes um escrito, às vezes um aparelho, um radinho de pilha que recebe ondas marcianas etc).

Os loucos em meio a seu sofrimento e seu fracasso, estão o tempo todo inventando. Nem sempre com sucesso e, por vezes, é possível facilitar a conexão entre seu sintoma e o coletivo. É o que deveria, em meu entender, verificar o trabalho clínico em programa de moradia, por exemplo: não tanto aferir-se o grau de autonomia (entidade inteiramente no senso de uma universalidade às vezes bastante opressiva), mas sim de separação-conexão com o Outro.

### **Do Escola**

A pergunta do analista é, então: Como constituir um lugar relativamente estável em que se possa encontrar e trabalhar com os colegas?

Pode-se argumentar: mas para quê isso seria necessário? Por quê, para o ofício de psicanalista, seria preciso este trabalho coletivo, de uma agremiação de restos do Outro?

Ora, ficar sozinho com seu Outro reduzido a um resto ou à sua análise pessoal é um empuxo à tendência enfatuada de se considerar seu próprio Outro. Uma das coisas que podem evitar essa disposição quase delirante do psicanalista (de prescindir do Outro) é seu trabalho quotidiano para constituir e manter vivo um coletivo de psicanalistas. É o que Lacan chama de Escola. A Escola ajuda a afastar o psicanalista da canalhice e do delírio.

Afora isso, conceder em tentar articular seu resto de Outro (seu sintoma, seu objeto), com outros tem um valor político essencial, pois é isso que pode dar uma sustentação decisiva ao discurso analítico na sociedade, já que uma análise estabelece um laço por demais incerto, frágil, paradoxal, cuja tradução para o público é muito difícil, senão inviável.

Entendo a Escola como um campo de experimentação em aberto, um instrumento para inventar-se meios de transmissão coletiva e não apenas individual da psicanálise, para fazer, enfim, com que o discurso analítico sobreviva a nós.

Isso não impede que este discurso possa ser mergulhado em Outros discursos. É algo que contribui para a experimentação da Escola em lugar de competir com ela. Está fora de questão, no entanto, que este discurso outro funcione como padrão, abrigo, instituição. Não é por buscá-los que o analista apresenta-se na universidade ou no campo da saúde mental. Nem o saber nem a loucura podem ser, para o analista, seus mestres e senhores. Isso seria perder o rumo da novidade freudiana, prática que se apropria dos mais variados saberes para prover um novo papel à estranha loucura que nos habita.

### **Dos nossos dias**

O Outro já não é mais tão instituído como antes (no que muito contribuiu a própria psicanálise). A queda do muro de Berlin e sobretudo da estátua de Lênin estão aí para traduzi-lo em imagens tocantes. O Outro de nossos tempos, o parceiro do sujeito contemporâneo, segundo os arautos da pósmodernidade, não seria mais vertical e sim horizontal, fragmentado. Desde Lyotard, não faltam teóricos para nos dizer que agora é a vez do Outro do mercado, sem poder central, e que a rede, a internet por exemplo, é seu o paradigma.

Na vigência do padrão institucional era relativamente fácil localizar o louco/doente: ele era o que estava fora do sistema vertical de movimentação social,

o que estava na horizontal, no leito. Ele era retirado do social para não minar sua base de sustentação. O real da clínica então se localizava, como o nome já diz em sua raiz (*clignos*), ao pé do leito, tendo o hospital como seu *topos* essencial.

Agora, as instituições são substituídas por estruturas mais transversais, em rede, por “dispositivos”. Desospitalizar, nosso lema, lê-se, assim, como, passar do vertical ao horizontal, da instituição à rede de cuidados.

Isso, no entanto, esvazia fronteiras e dificulta a localização do real. Onde estão os doentes? Tornaram-se, como nós, “usuários”. Onde está nosso impossível? Afinal, a princípio, todos são passíveis de alguma reabilitação. Torna-se cada vez mais difícil a cada caso localizar este impossível (para, como psicanalistas, em vez de buscar eliminá-lo, colocá-lo em ação). Mais do que nunca é preciso localizar o real com que lidamos.

Neste sentido, a Escola não pode fugir a seu papel de uma comunidade de experimentação, que deve inventar novos “dispositivos de cuidados” para o discurso analítico. Um exemplo: Na França, os psicanalistas da Associação Mundial de Psicanálise reuniram-se em torno de casos de psicose nada clássicos, que já tinham sido trabalhados e comentados em diversas Seções Clínicas da França e produziram uma reflexão sobre o último ensino de Lacan e uma abordagem da psicose mais fluida que tem incidências sobre a clínica das neuroses e que ficou conhecida como a Conversação de Arcachon (EBP, 1999)

O psicótico continua, nesse trabalho um parceiro essencial, pois ele permanece um parceiro-impossível, que erra, foge, rasga seu dinheiro, enfim, que torna a vida do cuidador impossível, que encarna o impossível da inclusão universal, de um “todos conectados”.

Lacan aposta que é possível, no melhor dos casos de servindo ao Outro servir-se dele. Esse é nosso desafio. A partir do impossível, delimitar um modo singular de confecção de um sintoma, de jogar o jogo da rede, do Outro, identificar-se ali sem, no entanto, identificar-se com sua carteira de identidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGAMBEM, G. *Sovereign Power and bare life*, S.U. Press, California, 1998.

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, *A conversação de Arcachon*, São Paulo, EBP, 1999.

LACAN, J. O Seminário Livro ??, “D’un l’autre à l’Autre” (inédito) - lições de 15/1/69 e

22/1/69.

*Escritos*, Rio de Janeiro, 1998.

*Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 67

LAURENT, E. “Deux aspects de la torsion entre symptôme et institution”,  
*Pertinences de*

*la psychanalyse appliquée*, Paris, Seuil, 2003.

MILLER, J. A. “Teoria do Parceiro”, *Os circuitos do desejo na vida e na análise*,  
Rio de

Janeiro, Contra Capa, 2000, pp. 153-207.

“Lições sobre a apresentações de doentes”, *Matemas I*, Rio de Janeiro,  
JZE, 1996, pp. 138-149.

“O último ensino de Lacan”, *Opção lacaniana*, vol. 35, São Paulo,  
2003.

**Marcus André Vieira**

Rua Maria Eugenia, 285, c1, 201

Humaitá cep: 22261-080

Tel: (21) 25372905

e-mail: [mav@gbl.com.br](mailto:mav@gbl.com.br)

Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise, Professor do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Doutor em Psicanálise (Paris VIII), autor de *A ética da paixão* (Jorge Zahar, 2001)

**Título:** Figuras do Outro

**Resumo:** Este texto se serve da paradoxal noção de alteridade que o conceito lacaniano de “Outro” de modo a propor uma articulação entre as abordagens lacanianas da psicose, da instituição psicanalítica e do campo dos trabalhadores da saúde mental.

***Framing the lacanian Other***

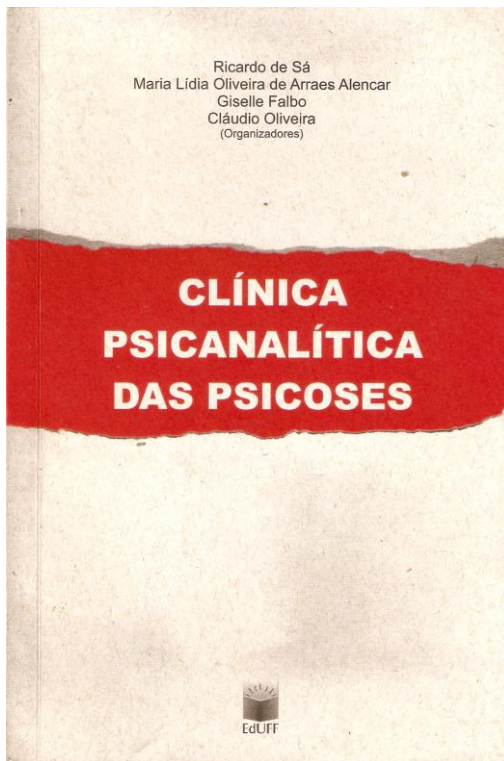
*This paper bases its arguing in the paradoxical lacanian theory of the otherness. From this point of view, it discusses the relationship between the lacanian theory of the psychosis and his remarks towards the psychoanalytical institution and the workers of the mental institutions field.*

---

<sup>1</sup> Texto redigido a partir de comunicação apresentada nas Jornadas do Curso de Especialização em Psicanálise da Universidade Federal Fluminense. Agradeço a Maria Lúcia Arraes pelo convite carinhoso e a Angela Bernardes pela interlocução fecunda.

<sup>2</sup> Esta delimitação do Outro, que evoca o *Unheimlich*, o estranho, freudiano, está presente desde o início do ensino de Lacan, em seu trabalho com a teoria dos jogos, até bem mais tarde. Quanto ao Outro como parceiro cf. também Miller, J. A (2000).





Ricardo de Sá  
 Maria Lídia Oliveira de Arraes Alencar  
 Giselle Falbo  
 Cláudio Oliveira  
 (Organizadores)

© 2005 by Ricardo de Sá, Maria Lídia Oliveira de Arraes Alencar, Giselle Falbo e Cláudio Oliveira (organizador)

Direitos desta edição reservados à EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense - Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - Niterói, RJ - CEP 24220-000 - Tel.: (21) 2629-5287 - Telefax (21) 2629-5288 - http://www.propp.uff.br/eduff - E-mail: eduff@vm.uff.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - (CIP)

N659 Clínica psicanalítica das psicoses / Ricardo de Sá, Maria Lídia Oliveira de Arraes Alencar, Giselle Falbo, Cláudio Oliveira (Organizadores). — Niterói: EdUFF, 2005.  
 127p. : 21 cm.  
 Incluir bibliografias  
 ISBN 85-228-0403-6

1. Psicanálise. 2. Clínica. 3. Psicoses I. Título

CDD 362.22

Normalização: Caroline Brito de Oliveira  
 Edição de texto: Caroline Brito de Oliveira e Antônio Carlos Pacheco  
 Projeto gráfico, editoração eletrônica e diagramação: Vivian Macedo de Souza  
 Revisão: Antônio Carlos Pacheco  
 Capa: José Luiz Stalleken Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues

Vice-Reitor: Antônio José dos Santos Peçanha

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Sidney Luiz de Matos Mello

Diretora da EdUFF: Laura Graziela F. F. Gomes

Diretor da Divisão de Editoração e Produção: Ricardo Borges

Diretora da Divisão de Desenvolvimento e Mercado: Luciene Pereira de Moraes

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<i>Ricardo de Sá</i>	
<b>ENSINO DA PSICANÁLISE NA UFF E CLÍNICA DAS PSICOSES</b>	
<b>O que a clínica psicanalítica das psicoses nos ensina</b> .....	13
<i>Leticia Balbi</i>	
<b>O ensino da psicanálise e a clínica das psicoses</b> .....	21
<i>Paulo Vidal</i>	
<b>O encontro com a psicose como via de transmissão</b> .....	27
<i>Ricardo de Sá</i>	
<b>CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOSES E SAÚDE MENTAL</b>	
<b>Clínica psicanalítica das psicoses e saúde mental</b> .....	37
<i>Francisco Leonel F. Fernandes</i>	
<b>Considerações sobre a psicanálise com psicóticos na instituição pública de saúde mental</b> .....	45
<i>Bruno Netto dos Reis</i>	
<b>A clínica da psicose e o campo da saúde mental</b> .....	53
<i>Paula Borsói</i>	
<b>O ENCONTRO COM A CLÍNICA DAS PSICOSES</b>	
<b>Tempo de encontro com a psicose</b> .....	61
<i>Elisângela Onofre</i>	
<b>O encontro com a psicose através do estágio no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba</b> .....	73
<i>Ana Flavia Azevedo Moura, Bianca Pereira Machado, Joyce G. Moreira, Kátia Beltrão Mattos, Marcia Lacerda Torres</i>	
<b>Notas de um "secretário do alienado"</b> .....	81
<i>Carlos Alberto Ribeiro Costa</i>	
<b>CLÍNICA DAS PSICOSES E INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA</b>	
<b>A clínica das psicoses e a instituição</b> .....	93
<i>Eduardo Rocha</i>	
<b>Figuras do outro: na instituição, na psicose, na psicanálise</b> 103	
<i>Marcus André Vieira</i>	
<b>A psicose e a escola de psicanálise</b> .....	113
<i>Paulo Becker</i>	
<b>Notas biográficas sobre os autores e organizadores</b> .....	125